



Cinco perguntas para Francis Edeline e Jean-Marie Klinkenberg*

**

Resumo: Cinco perguntas são colocadas ao Groupe μ e respondidas por seus integrantes: 1. No início, o que os atraiu à teoria dos signos e da significação?; 2. Como vocês definiriam a sua contribuição para o domínio?; 3. Qual é a verdadeira função de uma teoria dos signos e da significação frente a outras disciplinas acadêmicas?; 4. Quais são, para vocês, os conceitos e/ou contribuições mais importantes para a teoria da significação e dos signos?; e 5. Quais questões permanecem abertas na área e quais são as perspectivas de desenvolvimentos?

Palavras-chave: Formação do Groupe μ , Contribuições do Groupe, Função da semiótica, Conceitos importantes para a semiótica, Perspectivas da semiótica

No início, o que os atraiu na teoria dos signos e da significação?

Em seus primeiros anos de existência, no final dos anos 1960, o *Groupe μ* atrelou-se principalmente a questões de poética. Conforme os objetivos dessa disciplina, tratava-se de tomar distância da concepção estetizante da obra literária, colocando em evidência estruturas bastante gerais que fazem de um complexo linguístico uma ocorrência literária. Esses trabalhos inscreviam-se claramente, portanto, na linha das propostas de Jakobson, Barthes e Greimas. Os conceitos elaborados no primeiro trabalho coletivo mais significativo (*Rhétorique générale*, Retórica Geral, 1970) contribuíram para a renovação contemporânea da retórica ao fornecer um modelo explicativo das figuras de retórica, modelo esse que mobilizava os conceitos da linguística estrutural da época.

Essa contribuição apresentava duas características importantes. A primeira referia-se ao fato de um grupo assinar em conjunto, com um só nome (a exemplo de *Bourbaki* na matemática). No entanto, os membros dessa equipe pertenciam a disciplinas diversas, como a linguística, a bioquímica, a sociologia da cultura, a filosofia, a estética, a história do cinema. Daí a segunda característica desse trabalho: sua ambição transdisciplinar. O projeto era realmente o de fazer, de

imediatamente, uma “retórica geral” aplicável a todas essas disciplinas: tratava-se de estender a noção de figura, com tudo o que ela supõe (daí uma visada cognitivista e uma teoria das interações pragmáticas), a outras famílias de enunciados, como a imagem fixa ou o cinema. A hipótese de partida era, portanto, de natureza semiótica: se existem leis gerais da significação e da comunicação – postulado da semiótica –, então seria possível encontrar nesses enunciados fenômenos de polifonia comparáveis aos que se observam na linguagem verbal. A hipótese adjacente que se apresenta em seguida é a de haver mecanismos muito gerais em operação: mecanismos gerais e, portanto, independentes do domínio particular de sua manifestação. O objetivo de uma retórica geral passa a ser, então, descrever o funcionamento retórico de todas as semióticas por operações robustas, que permaneçam idênticas em todos os casos.

Portanto, foi ao mesmo tempo por razões circunstanciais – a formação de vários dos membros do *Groupe* e os avanços dos estudos linguísticos na época – que a comunicação linguística parece ter sido privilegiada nos primeiros trabalhos feitos em conjunto. Mas, rapidamente, será possível observar que tais trabalhos já mostravam avanços em semiótica geral, graças a contribuições pertinentes à narrativa (tanto cinematográfica quanto languageira), ao sistema dos pronomes pessoais ou (como veremos) aos princípios da análise

* Tradução da versão francesa do texto publicado sob o título “Five Questions” em *Signs and Meaning: Five Questions*, de Peer F. Bundgaard e Frederik Stjernfelt (dirs.), Nova York, Automatic Press, 2009. Versão francesa publicada online em 29 de janeiro de 2010 sob o título *Cinq Questions à Francis Edeline et Jean-Marie Klinkenberg*. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/3104>

** . Endereço para correspondência: ().

semântica.

Assim sendo, o *Groupe μ* , desde que foi criado, havia entrado em contato com fatos relacionados à comunicação visual, objeto que correspondia à formação e aos interesses de seus outros membros. Todavia, a situação era ali bem diferente do que no momento da elaboração da obra *Rhétorique Générale*. Realmente, nos anos 1960, existia um *corpus* de conceitos linguísticos, certamente divergentes, mas, ainda assim, imediatamente utilizável: bastava somente explorá-lo para elaborar uma retórica linguística contemporânea. A situação era muito diferente para a elaboração de uma retórica visual: o que existia na época como “semiótica visual”, excluindo-se as generosas propostas de Christian Metz e de Umberto Eco, era, em geral, apenas uma crítica de arte subjetiva, que se apresentava sob o disfarce intimidador de uma linguagem técnica, frequentemente obscura e, em todo caso, aproximativa. Por conseguinte, antes de se lançar numa “retórica da imagem”, o *Groupe μ* precisou elaborar um *corpus* teórico.

Reside aí origem de sua contribuição para a semiótica visual: o *Traité du signe visuel* (1992) pretende elaborar uma gramática geral da imagem, independentemente do tipo de *corpus* considerado. Essa semiótica visual contribui, por sua vez, com a semiótica geral: efetivamente, uma questão com a qual o *Groupe* se deparou foi a das relações entre a experiência (sensorial) e a significação, que retoma esse nível de generalidade, pois vai ao encontro da questão da própria origem do sentido.

Como vocês definiriam sua contribuição para a área?

O trabalho retórico do *Groupe μ* introduziu um modelo explicativo robusto das figuras, parecido com a tabela de Mendeleev¹, em que, na ordenada, encontram-se as operações lógicas atuantes na transformação que a figura é, e, na abscissa, os objetos linguageiros aos quais essa operação está ligada. A exploração pedagógica de um quadro como esse foi bastante tranquila. Foi, sem dúvida, tanto essa facilidade quanto a robustez da matriz que levaram a entender que o *Groupe* pensava na figura apenas em termos de unidades atômicas (ver, por exemplo, Paul Ricoeur em *La métaphore vive*). De fato, definir-se a figura como ruptura de isotopia supõe imediatamente uma perspectiva textualista, ao mesmo tempo em que a descrição da dinâmica de produção e de recepção da figura já introduzia uma perspectiva pragmática no projeto.

O enfoque do *Groupe* tem uma dimensão pragmática, mas também cognitivista. Efetivamente, o trabalho

com as figuras – especialmente as que afetam o plano do conteúdo, ou tropos – supunha um bom conhecimento das estruturas elementares da significação. Essa necessidade levou à distinção (pouco notada na época) entre a articulação de unidades segundo o modo Σ e segundo o modo Π . As organizações Σ são seguramente bem conhecidas: são aquelas que categorizam a experiência segundo o gênero e a espécie, representadas pela árvore de Porfírio. Mas são conhecidas, sobretudo, porque uma semiótica linguística ainda muito próxima do quadro da lógica aristotélica as havia privilegiado em detrimento das relações Π , que operam do todo à parte e da parte ao todo. As relações semânticas de outra natureza, estudadas por cognitivistas como Palmer, acabarão por se tornar objeto de outra disciplina: a mereologia. Mas, mormente, a consideração dessas relações se revelará, em seguida, crucial para o estabelecimento de uma semiótica visual.

Com respeito à semiótica visual, o legado decisivo do *Traité du signe visuel* (que Göran Sonesson declarou ser para a comunicação visual o que o *Curso de Linguística Geral* de Saussure foi para a linguística) reside na distinção entre os signos plásticos e os signos icônicos (para cujo estudo a estrutura Π voltou a ter utilidade, como vimos).

No que tange aos signos plásticos e icônicos, a contribuição do *Groupe μ* foi ter oferecido os meios para resolver a espinhosa questão da motivação – que é, sem dúvida, um dos temas mais recorrentes de todos os debates semióticos desde sua origem. A estrutura quadrática do signo, proposta por Jean-Marie Klinkenberg (*Précis de sémiotique générale*, 2000), permite diferenciar, de fato, sem contradições, as relações arbitrárias das relações motivadas nos componentes do signo, e o conceito de transformação permite descrever tecnicamente, nesse contexto, os fatos de motivação.

Mas, sobretudo, a distinção fundamental postulada pelo *Groupe* permitiu repensar o signo plástico em sua autonomia (o que não exclui fenômenos de interferências inconoplásticas, considerados por Hermann Parret uma contribuição maior). O signo plástico – que, na taxonomia peirciana, pode ora exercer a função/interpretar o papel de um símbolo, ora o de um índice – apresenta três parâmetros: a forma, a textura e o cromatismo, cada um possuindo suas modalidades próprias de articulação, de relações sintáticas e de semantização.

Como já mencionado, uma questão importante encontrada ao examinar o sentido visual diz respeito às relações entre a experiência sensorial e a significação, e que se coloca, aliás, necessariamente por meio do iconismo. O tema da experiência havia sido colocado no início do século XX por Peirce, que evidentemente não podia resolvê-lo, sendo o conhecimento sobre a cognição (e, em particular, sobre a cognição visual)

¹ N. da T.: No Brasil, também conhecida como “tabela periódica”.

o que era na época. Uma originalidade da contribuição do *Groupe* foi a reintegração dessas questões na disciplina semiótica, que as havia excluído momentaneamente. Sabemos que esta e as ciências da linguagem em geral fizeram progressos notáveis graças à aplicação do princípio de imanência, que tem por objetivo, como sublinham Greimas e Courtés, de maximizar a homogeneidade da descrição. Porém, esse princípio metodologicamente estimulante se tornaria um freio se proibisse dogmaticamente ir além da descrição para aceder ao nível da explicação (o que deveria ser o ideal de todo conhecimento). Ora, sendo este o nosso objetivo – de aceder ao nível da explicação – precisávamos necessariamente recolocar a questão da relação entre o sentido e a experiência. Mostramos assim que o sentido é elaborado a partir de percepções elementares, integrando e organizando os estímulos a partir de mecanismos perceptíveis especializados, num procedimento de abstração, visando a categorizar a experiência. O *Groupe* trabalhou, assim, para o surgimento de uma semiótica cognitiva.

Qual é a verdadeira função de uma teoria dos signos e da significação frente a outras disciplinas acadêmicas?

Com relação às ciências humanas, o papel da semiótica não é modesto. Mas não ao ponto de tomar o lugar – como alguns acreditam – ao mesmo tempo da antropologia, da sociologia, da meteorologia e da imagiologia médica. A semiótica visa simplesmente fazer todas essas disciplinas dialogarem e constituir para elas uma interface comum. Todas, na verdade, têm um postulado em comum: a significação. Cada uma delas mostra como agentes dão sentido a práticas que se tornam, em seguida, ritos, condutas, línguas, signos. Tal é a missão dada à semiótica: fazer do postulado de outras disciplinas seu próprio objeto. Ou seja, estudar a significação, descrever suas modalidades de funcionamento e a relação que ela mantém com o conhecimento e a ação. Tarefa circunscrita e, portanto, razoável. Mas também uma tarefa ambiciosa, pois não somente essa proposta pertence a outras disciplinas, como a filosofia, mas também, ao realizá-la, a semiótica se torna necessariamente uma meta-teoria: teoria das teorias.

As divergências entre as diferentes concepções da semiótica evidentemente decorrem de fatores muito diversos. Um deles é o modo como os semioticistas concebem o papel metateórico, que depende da distância que guardam entre a semiótica e cada uma das disciplinas com que dialogam, no entender de cada teó-

rico. A semiótica se lançaria apenas ao nível do objeto comum, a significação? Ela se caracterizará, então, por um nível elevado de abstração (ou de pureza); no limite, desemboca na ideia de que a descrição de uma semiótica pode necessitar apenas de sua coerência interna para adequar-se a seu objeto. Assim, a doutrina permanece fundamentada numa racionalidade abstrata e descorporalizada, preocupada antes de tudo com a pureza de seus modelos, que ela quer proteger contra toda contaminação referencial. A semiótica se preocuparia em descrever, no modo técnico, a maneira pela qual a significação se constrói e circula em cada um dos domínios em que se encontra? Ela perde, então, algo de sua pureza ideal, e corre o risco atribuir-se uma pretensão cientificista ou tecnicista.

Todos têm de convir que essa oposição estrutura solidamente (ou compromete seriamente, conforme for) o mundo da semiótica. Mas parece-nos que ela não é tão definitiva quanto parece. Na medida em que os mecanismos de produção do sentido estão estreitamente ligados às disposições do organismo e em que podem ser apreendidos no nível das condutas mais elementares, uma ponte é estabelecida entre os níveis mais extremos da pirâmide que acaba de ser descrita. Uma semiótica assim concebida pode, de um lado, apoiar-se nas descrições precisas dessas condutas realizadas por outras disciplinas; de outro, consagrar-se aos meios para dar conta de um dos problemas mais importantes sobre os quais a filosofia conseguiu se debruçar: a categorização da experiência, outro nome do sentido.

Convocando para o cenário semiótico os mecanismos cognitivos e neurológicos, bem como as interações sociais e culturais que formam as bases do signo, o *Groupe μ* contribuiu, dessa forma, não somente para pôr abaixo a muralha que o estruturalismo havia edificado entre os códigos e os sujeitos sociais, mas também para pôr abaixo uma outra, à primeira vista mais inabalável: a que separa as ciências humanas das ciências naturais, até mesmo das ciências exatas.

Pois, no domínio das ciências ditas “duras”, a importância de uma teoria semiótica coerente não é menor. Na verdade, todas, numa fase ou outra, transitam por sistemas de signos.

As ciências descritivas, por exemplo, para descrever seu objeto, recorrem a representações – visuais, mais frequentemente. Logo, o desenho de uma fenda na rocha, assim como o de uma planta ou de um animal, já comporta uma parte de interpretação. O cientista fica inclinado a considerar seu desenho como objetivo, e, portanto, é importante torná-lo consciente da parte de modelização que ele contém. Não foi dito que a linha seria uma ferramenta de “simplificação cognitiva”? Ainda seria preciso saber traçá-la de forma diferente do Rinoceronte de Dürer. . . Por outro lado, se se deseja extrair de suas sensações o máximo de componentes significativos (ou seja, passíveis de levar a uma cons-

trução interpretativa geral), dispor de uma teoria dos índices será vantajoso.

Outras disciplinas, como a lógica, a matemática, a física, a astronomia e a química, recorreram classicamente a linguagens formalizadas. Em seu procedimento de construção de sistemas unívocos, aqueles que os praticam já se comportam como semioticistas e parecem não ter nada a aprender com nossa disciplina. Isso é, entretanto, inexato, pois a semiótica é superior em generalidade, e por isso os ajudará a situar seus códigos no conjunto dos códigos humanos.

Quanto às engenharias, elas são sem dúvida aquelas em que o ensino da semiótica será mais proveitoso. Constantemente confrontados por esquemas, diagramas e gráficos, os profissionais dessas ciências esquecem, até mesmo ignoram totalmente, que esses objetos têm um lado que é fruto de convenção e de construção, e quase não se dão conta das ilusões perceptivas.

Quais são, na sua opinião, os conceitos e/ou contribuições mais importantes para a teoria da significação e dos signos?

Nós dissemos em “2” o que estimamos ser nossa própria contribuição para a semiótica. Esta disciplina, de fato, construiu-se e continua a se construir a partir de um conjunto de conceitos-chave, contribuições de diversos pesquisadores, e para a qual cada um revelou (e, por isso, permitiu descrever e compreender) toda uma categoria de enunciados.

Em diversos momentos de nossa pesquisa, nós nos alimentamos de fontes. Grandes conceitos fundadores revelaram-se muito fecundos para nós. Por exemplo, para modelizar o funcionamento das figuras, recorreremos à noção greimasiana de “isotopia”, tal como desenvolvida por F. Rastier. Mas, para não ficar só na aplicação irrefletida, para não utilizar uma ferramenta tal qual, sem adaptá-la a nosso propósito, completamos o conceito de “isotopia” de três maneiras: estendendo, primeiramente, seu campo de aplicação ao plano da expressão, atraindo, em seguida, a atenção sobre seu converso – a alotopia – e, finalmente, correlacionando-o ao conceito pragmático de “cooperação”.

Uma descrição correta das figuras mobilizava também a noção de “articulação”. E não se pode considerar a questão do ícone sem revisitar a questão da arbitrariedade e da motivação. Devemos, portanto, lembrar aqui o que é evidente: que fundamentos da semiótica intervieram em todos os momentos da pesquisa; e não porque fazem parte de uma *doxa* semiótica tão generalizada que não é preciso se lembrar deles. Por

exemplo, no momento de elaborar nossa tipologia das figuras, foi preciso mobilizar a oposição hjelmsleviana entre plano da expressão e plano do conteúdo, que se tornou um grande clássico. Para o dinamismo transformador dos enunciados (principalmente enunciados poéticos ou científicos), outros conceitos foram utilizados. Por exemplo, o de “mediação”, proposto por Lévi-Strauss para a interpretação dos mitos, adaptado formalmente à semântica estrutural por A.J. Greimas. Na semiótica visual, exploramos o procedimento da homologação, bem descrito por Floch, pelo qual se associa uma oposição de conteúdo a uma oposição de expressão.

O trabalho levado adiante dessa maneira desembocou por vezes em convergências com outras escolas. O dinamismo retórico para o qual chamamos a atenção está também na visada do conceito de tensão, explorado e desenvolvido por Fontanille e sua escola, que permite formalizar o que constitui o motor dos enunciados. Da mesma maneira, pudemos encontrar por nós mesmos a semiose infinita, conceito de Peirce, que confere um horizonte à pesquisa do sentido.

Como mostra o exemplo da mediação, procedente da antropologia, com muita frequência não foram os conceitos com a etiqueta especificamente semiótica que se revelaram mais fecundos. Muitas outras disciplinas, na verdade, abordaram o problema do sentido e puderam elaborar ferramentas para dar conta adequadamente de algumas questões técnicas que daí derivam. Por exemplo, nos anos 1980, a semiótica havia desenvolvido pouquíssimos instrumentos pertinentes para abordar a questão das comunicações visuais, contrariamente ao que se podia acreditar na época. Em contrapartida, as ciências cognitivas haviam elaborado ferramentas operacionais que podiam facilmente ser acolhidas pela semiótica, como a noção de forma, elaborada pela Psicologia da Gestalt, e a árvore II de Palmer (tendendo para a árvore σ de Porfírio, explorada há muito tempo pela linguística); sem contar que a descoberta dos detectores retinianos dava um fundamento psicológico à noção básica de oposição.

Pontuamos, assim, um dos desafios da semiótica: sua relação com a interdisciplinaridade. Se, como dizem frequentemente, a semiótica tem por vocação fazer com que as ciências humanas dialoguem entre si, ela não pode fazê-lo lançando, do alto de seu esplêndido isolamento, uma ordem como “ciências de todos os horizontes, unam-se!”; ela deve mostrar isso em suas próprias práticas. Por isso, nosso grupo interdisciplinar e coletivo não teve receio de ir buscar o que precisava nas ciências cognitivas, e ainda em outras partes, tanto do lado da história social das ciências, com Kuhn, quanto do lado da matemática, com os fractais de Mandelbrot.

**Quais questões permanecem
abertas na área e quais são as
perspectivas de
desenvolvimento?**

A semiótica dispõe hoje, como acabamos de mostrar, de um arsenal impressionante de ferramentas testadas, cuja validade não para de ser demonstrada, em

áreas cada vez mais amplas (escrita primitiva, tatuagem, heráldica. . .). Mas talvez essa abundância de recursos comece a se mostrar incômoda, ou ao menos a obscurecer a visada de conjunto da disciplina. Seria certamente salutar o surgimento de um vasto tratado em que todos os conceitos encontrassem seu lugar. E como, em última instância, a semiótica é um ramo da epistemologia, um ótimo título para essa obra seria *Por uma teoria materialista do sentido.* ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Cinq Questions à Francis Edeline et Jean-Marie Klinkenberg
Estudos Semióticos, vol. 11, Dossiê Especial Groupe μ (2015)
ISSN 1980-4016

Résumé: *Cinq questions sont ici posées au Groupe μ , auxquelles répondent ses membres : 1. Qu'est-ce qui vous a attirés au départ dans la théorie des signes et de la signification ? ; 2. Comment définiriez-vous votre contribution à ce domaine ? ; 3. Quelle est la véritable fonction d'une théorie des signes et de la signification vis-à-vis des autres disciplines académiques ? ; 4. Quels sont selon vous les concepts et/ou les apports les plus importants pour la théorie de la signification et des signes ? ; 5. Que dire des questions qui restent ouvertes dans ce champ et comment pourrait-on en caractériser les perspectives d'avenir ?*

Mots-clés: *Formation du Groupe μ , Contributions du Groupe, Fonction de la sémiotique, Concepts majeurs de la sémiotique, Perspectives de la sémiotique*

Como citar este artigo

, . Cinco perguntas para Francis Edeline e Jean-Marie Klinkenberg. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editoras convidadas responsáveis pelo dossiê: Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Adriana Zavaglia. Dossiê Especial Groupe μ , São Paulo, de , p. 86–90. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 21/08/2015

Data de sua aprovação: 01/12/2015
